

## VALE-DISCO

Por ocasião do meu aniversário, um amigo da escola tinha me presenteado com um vale-disco. Demorei mais de um mês para ir à loja de música clássica, que já conhecia, mas quando cheguei ela não existia mais. Estava chocada e não me conformava que tivesse desaparecido a portinha estreita que dava para uma sala de proporções bem razoáveis e onde se podia achar quase tudo quando os serviços de entrega ainda não eram tão ágeis e minha impaciência já era grande. Em todo caso, olhei de novo o endereço na etiqueta colada à embalagem do cupom, e ele confirmava que eu não estava louca. O comércio de cada um dos lados da loja continuava calmamente a sua existência e se eu fosse um pouco mais imaginativa diria que me olhavam como uma velha conhecida, mas o curioso foi constatar que a pequena abertura tinha se alargado bastante e, sem diminuir em nada a fachada de suas vizinhas, se escancarava num grande pano de vidro pelo qual se via o interior, ainda mais amplo, muito diferente do que fora e voltado para outro negócio. Era agora uma imobiliária. Não sabia resolver o enigma pelo qual o estreito se tornava largo sem interferir em um milímetro na linha demarcatória dos terrenos laterais. A astúcia do arquiteto teria criado uma expansão ilusória pelos materiais e cores utilizados? Cogitei dessa hipótese e me aproximei, um pouco temerosa, para medir palmo a palmo a extensão da abertura. Quinze palmas de mão enfileiradas! Eu tenho as mãos pequenas, mas não os dedos. São compridos e um dia descobri que eram indício de que eu estava geneticamente destinada a ser alta, como meus irmãos, e provavelmente algum acontecimento traumático veio influenciar

na produção ou inibição de certa substância endógena, interferindo decisivamente no meu desenvolvimento quando este atingia um ponto delicado. Mas era evidente que eu carregava sinais do antigo projeto, e recentemente o diagnóstico de que eu tenho um prolapso da válvula mitral, “comum em pessoas altas e magras”, aposto mais do que comum nesse caso, apenas veio evidenciar que também a anatomia dos órgãos internos, que sempre trabalham tão invisíveis, parecia guardar a memória do que eu teria me tornado não fosse um incidente infeliz. Como era possível? Jamais tinha me ocorrido medir a fachada antiga, mas lembro como me surpreendia com o interior subitamente espaçoso – com um número considerável de estantes, aparadores, o balcão –, tal como acontece com tantas casas da arquitetura colonial, da qual o prédio em questão devia ser um dos últimos remanescentes no bairro, embora já modificado; a atual reforma, no entanto, não parecia concebível dentro de parâmetros matemáticos – de fato, essa questão do tamanho me preocupou mais do que a incontornável inexistência da loja, e isso de tal forma que nem me ocorreu perguntar logo desde quando aquilo tinha acontecido e qual era seu novo endereço. Só um pouco antes de voltar é que, fazendo um pequeno inquérito por ali, vim a saber que ela não tinha se mudado para outro lugar, mas simplesmente tinha fechado, e foi aí que entrei perfeitamente no espírito da expressão “ficar a ver navios”. Não fazia sentido imaginar que meu amigo tinha pagado pelo vale sabendo que dali a pouco este ia dar com a cara na porta e jamais realizar o seu valor de vale. A má-fé provavelmente fosse do vendedor, que devia ter seguido, porém, instruções superiores. *Uma grande pena! Que frustração! Também, se eu não tivesse me demorado*

*tanto para ir lá... Puxa, mas o mundo também não acaba assim em tão pouco tempo.* Em todo caso, o que me mordida no percurso de volta do ônibus era mais a imagem da tal fachada do que a culpa, a raiva do provável embuste ou mesmo a frustração de não pegar o meu LP do Brahms. Olhava o papel agora sem valor, com aquela carimbada negligente que deixa as letras meio incompletas, mas mal esconde o gesto altivo, a energia de quem sabe que o aspecto material ali era um mero suporte ou aviso e, mesmo que fosse reduzido a uma imagem gráfica ainda mais elementar, pareceria dizer: “Sim, estou quase sumindo, mas não se preocupe – tenho ainda autoridade suficiente para te conduzir ao Absoluto”.